

# Vestígios da Imigração de Estrangeiros e Nacionais na Mídia do Espírito Santo\*

Maria Cristina Dadaltos  
Universidade Federal do Espírito Santo

## Índice

Introdução	1
1 O estado e a mitologia	2
2 As representações e o discurso	4
3 Da permanência do mito	7
4 A guisa da conclusão	11
Bibliografia	12

## Resumo

Visa analisar as marcas do processo migratório de estrangeiros e de nacionais pela mídia no Espírito Santo/Brasil a partir da perspectiva das representações sociais. Pressupõe que a diversidade étnica do estado produziu um imaginário ideacional mítico e que mantém na produção midiática uma visão que reproduz uma clivagem acerca da população migrante. Parte do referencial teórico-metodológico da teoria das representações sociais, com suporte na análise do discurso

---

\*Pesquisa desenvolvida com apoio do CNPq (Conselho Nacional de Ensino e Pesquisa) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES). Contou com suporte de pesquisa das alunas de Andréia Foeger e Laila Novaes Santos e com debates com a pesquisadora Darcilia Moyses.

de matérias publicadas num período de dezoito meses, para compreensão desse fenômeno. Conclui que as matérias produzidas representam os migrantes estrangeiros e os nacionais sob óticas diversas e discriminatórias.

**Palavras-chave:** Movimento migratório; Representações Sociais; Mito

## Introdução

No contexto contemporâneo, a mídia é um agente a atuar na construção do imaginário social da população ao manter mitos ou a tecer noções que ajudam a fornecer um conhecimento comum da vida cotidiana. É por meio da produção de um complexo campo simbólico que a ação midiática ajuda a institucionalizar normas de conduta, valores e comportamentos. Isto porque, ao produzir e reportar acontecimentos ou prováveis acontecimentos os enuncia de uma forma que cria ou participa da criação de uma “imagem específica e representações de pessoas coletivas, de comunidades e de cidadãos singulares” (Cádima, 2003: 5).

Nesse sentido, este *paper* visa analisar as representações sociais construídas pela mídia sobre imigrantes estrangeiros e na-

cionais e descendentes assentados no estado do Espírito Santo a partir do segundo quartel do século XIX. Parte do pressuposto que a diversidade étnica do estado produziu um imaginário ideacional mítico clivacionista de imigrantes estrangeiros e de nacionais, que se mantém na produção midiática, representado por uma visão desconhecida da realidade e distanciada do cotidiano. A realização deste estudo tem como suporte teórico-metodológico a teoria das representações sociais.

Para a produção analítica foram analisadas 46 matérias jornalísticas publicadas sobre imigrantes estrangeiros e nacionais no jornal *A Tribuna*, veículo de maior circulação no Estado. A coleta de dados foi realizada entre os meses de março de 2008 a setembro de 2009, período que, considerou-se abrangente o suficiente para envolver acontecimentos do cotidiano, além de eventos artísticos, econômicos, turísticos, científicos e culturais.

O recorte da pesquisa, por sua vez, justifica-se dado o processo migratório realizado e as diversas mudanças no fluxo migratório do Espírito Santo, alinhado a diferentes períodos de desenvolvimento socioeconômico. Neste sentido, podem-se estabelecer dois ciclos migratórios específicos: o primeiro situado a partir de meados do século XIX até os anos de 1960, e o segundo a partir dos anos de 1970.

O ciclo inicial migratório no Espírito Santo é marcado por um fluxo migratório intenso de estrangeiros – portugueses, italianos, prussianos, suíços, alemães, pomeranos, hanoverianos, poloneses, entre outros –, além de sírio-libaneses, e de levas e levas de negros africanos, e de nacionais – mineiros e fluminenses – bem como sedimentada-

mente os indígenas que já habitavam o local (Dadalto, 2007). No segundo momento, o movimento migratório ocorre com a convergência de novas etnias de estrangeiros, mas em pequena proporção, bem como se mantém intenso o fluxo nacional, em especial de mineiros e baianos.

Esse caráter diverso da população emaranhou-se no fluxo do crescimento socioeconômico do estado, no qual, em momentos dessemelhantes, sujeitos e comunidades anteriormente isoladas se cruzaram em trajetórias migrantes internas no espaço e no tempo dos desmembramentos geográficos e históricos, próprios de seu desenvolvimento (Hall, 2003).

## 1 O estado e a mitologia

O amálgama étnico se configurou no Espírito Santo a partir de 1847 quando o governo da Província busca alternativas para transformar economicamente o estado e inicia o processo de assentamento de imigrantes estrangeiros. Embutido no processo migratório estava o sonho coletivo de milhares de pessoas em busca da construção de um novo futuro em seu próprio pedaço de terra.

Há, porém, de se considerar o processo histórico de assentamento do imigrante o Espírito Santo. O estrangeiro veio em ação governamental, em meados do século XIX, como alternativa para povoar e ocupar o solo, ampliar a fronteira agrícola e fomentar o desenvolvimento regional, por meio da produção de riquezas. Por outro lado, os migrantes nacionais vêm com propósito de serem empregados ou diaristas nas fazendas de café do estado. Essa distinção altera, sensivelmente, a construção do sentido de estar e permanecer no Estado, assim como a

percepção, os valores, crenças e mitos desse grupo de pertencimento e de relacionamento social.

Realiza-se, desse modo, um processo de assentamento e desenvolvimento socioeconômico instituído numa clivagem étnica e de classe e que é apropriada pela população na elaboração do seu *ethos*, consequentemente na construção identitária. Clivagens imaginárias que, apreendidas no inconsciente coletivo ao longo da história, se mantêm como arquétipos sedimentados no senso comum da população. Nada obstante, esses diversos grupos terem promovido um intenso processo de integração interétnica por meio de enlaces parentais, entre outras formas de relacionamento sociofamiliar.

Posteriormente, entre os anos de 1970-2010, é realizado novo ciclo imigratório a partir da mudança do modelo de desenvolvimento socioeconômico implantado no Estado, com a implementação dos grandes projetos industriais na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) e dos projetos agroindustriais no interior do estado.

Pesquisa publicada pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) em 2009 evidencia que no ano de 2007 os capixabas representavam aproximadamente 83% da população, e, em 2009, esse número se reduziu para 78% de habitantes. Entrementes, além dos migrantes nacionais, desde a implantação das grandes plantas industriais na região da Grande Vitória, nos anos de 1970, se mantêm o assentamento de estrangeiros. Fato que, até mesmo, promoveu a atração de outros grupos étnicos não participantes da primeira imigração em massa de estrangeiros no século XIX, a exemplo de japoneses, chineses e sul-americanos.

Nos processos migratórios de nacionais e

estrangeiros o trabalho, em geral, é pano de fundo que aproxima estes sujeitos. Todavia as condições de como esses fluxos ocorrem, o local de residência, o tipo de emprego que buscam ou que lhe são ofertados, a rede social a quão estão vinculados, entre outros, são clivagens a promover o distanciamento.

Presentemente, a maior parte dos migrantes assentados no Espírito Santo está localizada na Região Metropolitana da Grande Vitória, responsável por cerca de 64% do Produto Interno Bruto do (PIB) – dados de 2003. Inevitavelmente, resulta dessa centralidade a contínua absorção de migrantes vindos de várias regiões do próprio estado, do país e do exterior, estes em menor grau. Segundo informações do IJSN, nas décadas de 70 e 80, o conjunto dos municípios da Região Metropolitana era responsável, respectivamente, por 24,1% e 34,9% da população estadual. Percentual que atualmente compreende 47,5% dos residentes, com perspectiva de continuidade dessa tendência concentradora.

Há de se considerar que no imaginário, imigrantes estrangeiros trazem consigo a tradição constituída ao longo da história de conquista do Império Greco-Romano. Migrantes nacionais, a cultura popular, as festas pagãs, a alimentação dos tropeiros. Os estrangeiros possuem um projeto empreendedor cujo propósito é vencer todos os desafios, são inspirados nos deuses guerreiros disseminados em histórias épicas desde Ulisses. Nacionais são analfabetos, macumbeiros, umbandistas, preguiçosos.

Clivagens imaginárias que, apreendidas no inconsciente coletivo ao longo da história, se mantêm como arquétipos sedimentados no senso comum da população, inclusive, no dos jornalistas. Nada obstante, esses di-

versos grupos terem promovido um intenso processo de integração interétnica por meio de enlaces parentais, entre outras formas de relacionamento sociofamiliar.

Há de se observar, contudo, que a constituição simbólica do imigrante estrangeiro e nacional no Espírito Santo se diferencia no imaginário popular, dada a construção mítica produzida por meio de publicações de livros de biografias de descendentes de imigrantes, de matérias jornalísticas, dentre outros fatores (Dadalto, 2007).

Essa representação simbólica, portanto, inconsciente, espelha as mitologias culturais da população. Para Barthes (2001) o mito é uma fala, uma forma que se constrói por meio de escritas ou por representações, linguagens, que sustentam a fala mítica, que se define pela maneira como a proferem, como a representam. Uma fala, portanto, ahistórica, e que teve, em outras épocas, outras traduções representadas por formas orais ou não.

Malinowski (apud Abbagnano, 1970: 645), por sua vez, vê o mito cumprindo “uma função *sui-generis* intimamente ligada à natureza da tradição e à continuidade da cultura, com relação entre maturidade e juventude e como atitude humana em relação ao passado.

Evidentemente, a articulação dos conceitos de Barthes e de Malinowski a respeito do mito, remete às questões da memória, que para Bergson (apud Abbagnano, 1970) se funda no progresso do passado no presente. Isto porque, ao deixar entrever, em sua afirmativa, o fato de que o mito é indispensável a toda cultura, Malinowski, o insere, simultaneamente, no espaço do presente e no da memória.

Nessa direção, o mito determina com-

portamentos pelas idéias-força que contêm, pela potência de sua historicidade, e pela propulsão responsável por transformações históricas significativas. Partindo do pressuposto que o imaginário social deriva, segundo Legros et. al (2007), da descrição correta do vivido, ao analisar as imagens gerais que escapam da sua interioridade, avalia-se que o imaginário alimenta e faz o homem agir, sendo ele o produto do pensamento mítico.

Assim, ao se considerar o mito como uma narrativa que inclui os valores simbólicos, pode-se supor que o jornalista, ao construir sua história, procura comunicar informações sobre os sujeitos. Simultaneamente refletindo os valores, o estilo de vida e a sensibilidade do grupo alvo ou da cultura a que pertence ou a linha editorial do veículo a que está vinculado.

Segundo Sayad (1998, 2000), o fenômeno migratório está sempre associado a uma necessidade-ausência: trabalho. É a razão de ser do imigrante, que o domina em todo seu conteúdo. Assim, entender como a sociedade local ou nacional compreende o imigrante e seus descendentes é fator fundamental para entender sua integração ao ambiente. Nesse aspecto, a mídia tem papel fundamental na construção social da representação sobre o ser migrante.

## 2 As representações e o discurso

Refletir sobre determinada sociedade ou grupo de indivíduos envolve compreender uma dada comunidade interpretativa de pessoas que, habitualmente, faz representações de um tipo particular para outro e que as utilizam rotineiramente para objetivos padronizados (Becker, 2009). Desse modo,

as representações são veiculadas na vida cotidiana. Entre seus suportes estão os discursos, mas também os comportamentos e as práticas sociais nas quais estes se manifestam. São, ainda, documentos e histórias que ficam institucionalmente fixados e codificados. É na cadência das relações sociais que as representações são construídas, mantidas e transformadas pelos grupos ou classes em sua existência diária.

O conceito de *habitus* – conjunto das disposições adquiridas no contexto e no momento social particular capaz de ser incorporado pelos agentes por meio de disposições para sentir, pensar e agir –, proposto por Bourdieu (2002), é indispensável para entender a noção de representações sociais. É por meio da operacionalização deste conceito que este autor demonstra como as aprendizagens sociais, tanto formais como informais, inculcam modos de percepção e de comportamento nos indivíduos.

No pensamento de Bourdieu (2002), a noção de representações sociais apresenta-se na oposição das dimensões idéia/conhecimento e realidade. A primeira, idéia/conhecimento está contida no sujeito, que pensa, conhece, deseja e tem vontades que se refletem na estrutura social conservando-a ou modificando-a. A segunda, realidade, são as normas morais, regras de comunicação pré-estabelecidas, que devem orientar a ação individual e coletiva e todos os dispositivos de coerção individual e coletiva das quais são derivadas e com as quais o sujeito se depara e já estariam constituídas antes mesmo de sua existência, portanto, estabelecidas no âmbito da estrutura social. Nesta direção, será o *habitus* o elemento articulador entre o

sujeito e a estrutura, o conhecimento e a realidade.

Considera-se, portanto, que a abordagem das representações sociais, enquanto fenômeno multidisciplinar possibilita uma compreensão teórico-metodológico para refletir sobre o modo como os grupos e ou indivíduos lutam para dar sentido ao mundo cotidiano, entendê-lo e nele encontrar o seu lugar, por meio de uma identidade social e individual. De acordo com Junqueira (2005), isso significa deixar claro que as representações sociais estão necessariamente radicadas na arena pública e nos processos por meio dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade de um mundo de outros.

Sendo fenômenos complexos e ativados na ação da vida social, as Representações Sociais possuem diversos elementos nas dimensões informativas, cognitivas, ideológicas e normativas configurando crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens. Podem, portanto, ser analisadas mediante o termo senso comum. Assim, pode-se considerar que a história de vida de qualquer sujeito determina a natureza desse indivíduo, visto que cada um distingue a própria experiência e releva determinados temas, aspectos ou situações conforme seu conhecimento. Nesse caso, considera-se que a identificação, dada pela ação e, posteriormente, pela atribuição dos significados relevantes para tal ação, é determinada pelo contexto social em que ele está inserido a partir do senso comum.

Tendo como princípio essas categorias, o presente artigo relaciona a teoria das representações sociais ao reconhecimento da produção da notícia como senso comum vigente na sociedade. Ou seja, produzida e apre-

dida pela relação com o processo de formação e transformação em um contexto social, é identificada na vida comum a uma grande quantidade de indivíduos que compõem a esfera pública.

Com base em tais considerações, pondera-se que as representações sociais apresentam a vida comum a todos os indivíduos em uma esfera pública e evidenciam a vida individual de cada um. O caráter de construção social da notícia é, assim, justificado pela vigência das circunstâncias objetivas e, sobretudo, das influências subjetivas do cotidiano de diversos membros da sociedade no processo de produção das informações. Além de estarem evidentes nesse processo, os aspectos objetivos e os aspectos subjetivos de um dado contexto constituem os fatos transformados em notícia e, assim, destacam-se na participação do jornalismo na construção social da realidade (Gama e Dadalto, 2009).

Segundo Charaudeau (2003), todo ato de linguagem é um ato de comunicação. Neste sentido, considera que a comunicação é o fenômeno social através do qual os indivíduos, vivendo em coletividade, buscam relacionarem-se uns com os outros, estabelecerem regras e normas de vida em sociedade e criar uma forma de pensar que lhes permita reconhecerem-se como participantes de uma identidade cultural comum.

Partindo-se deste princípio, a instância da linguagem apresenta-se como ato de comunicação por meio do qual o homem representa o mundo para si mesmo e para seu semelhante e mais que isso, se representa para si mesmo e para o outro, uma vez que, por ser capaz de colocar os indivíduos em relação uns com os outros. A linguagem constitui o fenômeno capaz de instaurar o lugar social. Infere-se, aí, o conceito de discurso

que, para Orlandi (2007:15), “é palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”.

Tal constatação leva às noções de sentido, de ideologia, de sujeito e de interpretação. Assim, se constata que não há sentido que não seja ideológico. Nessa perspectiva, pensa-se, também a interpretação, isto é, procura-se explicitar os processos de significação que se configuram no discurso, os mecanismos de produção de sentido que estão funcionando no momento da enunciação.

Segundo Orlandi (2007), o objeto da análise do discurso não é a linguagem em si, mas a relação entre linguagem, sentido e lugar social, englobando, nessa perspectiva, os modos como se articulam a materialidade da linguagem, as marcas formais, e o sentido social, por intermédio da análise do que se entende por imaginários sociais. Trabalha-se, então, a instância conversacional que, para Manhães (2006) determina o caráter inteligível da mensagem.

A análise de discurso lança mão em seu percurso, dos “imaginários sociais”, bem como das marcas indicadoras de pessoa. Há, sempre, de se considerar que o modo como um discurso é construído nos permite identificar a presença e o modo como o enunciado foi construído pelo emissor.

Assim, a análise que se pretende do *corpus* dessa pesquisa busca partir da materialidade do texto, do contexto lingüístico-histórico, de suas condições de produção em relação ao mito e à memória. Nela devem intervir, ainda, “a ideologia, o inconsciente, o esquecimento, a falha, o equivoco” (Orlandi, 2007: 65). Considerar-se-á, ainda, o discurso como processo sempre em curso, como

uma prática discursiva, que constitui a sociedade na história.

### 3 Da permanência do mito

A análise do discurso midiático dos imigrantes estrangeiros e seus descendentes, tanto quanto a dos migrantes nacionais, permite que se perceba a permanência de um discurso mítico que se configura, sobretudo, pelos processos da polifonia. Isto é, da conservação das vozes dos antepassados na construção de uma fala que nos leva, em retrospectiva, a um discurso primeiro, que se conforma, então, no mito. E, como a esfinge, ele nos desafia: decifra-me!

Mas, para decifrar o mito é, preciso, primeiramente, que se aproprie do(s) conceito(s) de mito que aqui se constitui(em) em ponto de partida desse discurso, dessa fala que aqui se revela em discurso fomentador da diáspora. Bem como do discurso fundador dos ritos de ocupação e apropriação do espaço, que acolhe não só o corpo físico do imigrante estrangeiro ou do nacional, mas de todo o ideário que os acompanha em suas “bagagens” étnicas-identitárias.

A história tem mostrado que a grande maioria dos todos que migraram ou emigraram o fizeram por necessidade. Buscaram o novo mundo, o mundo da realidade sonhada, utópica. Os resultados das análises do discurso midiáticos corroboraram os dados da história. No decorrer das pesquisas, ficou bem evidente que a vinda para o Espírito Santo – assim como para outros estados brasileiros – foi motivada pela busca de uma vida melhor. Que se tenha como referência a terra prometida, o emprego em uma siderurgia ou em qualquer outro lugar, o discurso é o da esperança, logo, o da utopia.

Mas o discurso que ora se configura de maior relevância neste estudo, é o da ocupação do espaço e, conseqüentemente, o da permanência do mito na construção do cotidiano, por meio da memória e da tradição. No caso deste trabalho, o mito se sintetiza na superação da ausência do lugar da origem pela permanência do discurso da “memória-tradição” que permeia, e, até, fundamenta, o discurso da contemporaneidade desses grupos. Pode-se compreender, dessa forma, nas matérias abaixo:

*Festival de concertina agita Linhares de hoje a domingo* (publicada em 01/08/08):

Começa hoje e vai até amanhã o 17º. Festival de concertina e da Cultura italiana e alemã de Baixo Quartel, [...].Dentre as atrações, os visitantes poderão conferir os pratos típicos dos imigrantes, com destaque para a polenta. O ponto alto da festa será no domingo, a partir das 8 horas, com o encontro de tocadores de concertina. A concertina é um instrumento da família do acordeão que os imigrantes europeus trouxeram para o Brasil no final do século XIX.<sup>1</sup>

Em 30/07/09:

Mais de 100 músicos vão se apresentar no 18º. Festival de concertina da Cultura Italiana e Alemã, em Baixo Quartel, Linhares.

<sup>1</sup> Grifos dos autores em todos os recortes das entrevistas aqui apresentados.

As matérias sobre o festival de concertina, instrumento comum às etnias aqui representadas, foram selecionadas em sequência. Muito embora a programação do festival não tenha sido disponibilizada, o frame no qual ele se enquadra já traz a certeza de que será nos moldes do festival dos anos anteriores. E, conforme os outros, anteriores, também esse une as cultura, no, caso, italiana e alemã.

Fica evidente, então, a permanência da interação cultural nessas comunidades. A referência aos pratos típicos, ainda que não especificados, mas já presente no imaginário dos jornalistas e dos leitores capixabas traz à memória não apenas o prato em si, mas os rituais da mesa. A tradição, aqui considerada, como a transmissão de uma geração para outra, de crenças ou de técnicas. Depreende-se, portanto, desse discurso, a determinação de se manter a tradição por meio da memória de outro discurso já pronunciado e que viabilizou a esse grupo social a construção de sua identidade: o discurso dos antepassados, aquele que tomou posse do território e decretou, ainda que tacitamente, a permanência do mito.

A matéria *Festa Italiana vai agitar Santa Teresa* (em 17 /07/09) trata também desse tema:

A mais italiana das cidades brasileiras, Santa Teresa, realiza, amanhã, domingo O Brasilianos La Festa [...]. O evento contará com muita música, vinhos e comida. [...] Também marcará presença na festão circolo trentino di Santa Teresa, que levará o seu coral e o grupo de dança.. O local do evento estará decorado para

lembrar as cantinas italianas. [...] No domingo haverá missa em italiano às 10 horas

Surge aqui, um dado novo em relação às publicações da mídia: Santa Teresa é apresentada como a mais italiana das cidades brasileiras. A matéria é articulada de modo tal, que dois fatos não permitem que se duvide do cumprimento dos rituais: o espaço é Santa Teresa, a cantina, Italiana.

A matéria publicada em 04/09/08, *Festa pomerana em Domingos Martins*, ainda que enfoque aspectos específicos da cultura pomerana, pronuncia, na realidade, o mesmo discurso: casamento pomerano, shows, desfile, eleição da rainha, concurso de serrote.

O tradicional casamento pomerano, [...] mostrará um pouco dos costumes, como o uso do vestido preto pela noiva e o ritual do quebra-louças, que serve para garantir segurança aos noivos e afastar os maus espíritos.[...] À noite, haverá a apresentação de tocadores de concertina, bandas típicas e eleição da rainha.

Ainda sobre o casamento pomerano: *Casamento pomerano e danças típicas em feira* (publicada em 20/08/09)

A feira dos municípios volta a acontecer com diversas atrações culturais, como apresentação de grupos de dança italiana, alemã e holandesa, casamento pomerano [...]. Visitantes poderão provar café, queijos, doces, cachaça e broti (pão alemão).



Retomam-se, nesse contexto, as bandas típicas e a concertina. Acrescenta-se o casamento pomerano, ele também, indicativo da tradição desses povos. Sabe-se, entretanto, considerando os imaginários sociais, e os frames que interferem nesta análise, que nas comunidades italianas e alemãs, tradição e continuidade interagem naturalmente. O fato de grande parte de matérias analisadas serem um convite, direto ou não, pressupõe abertura em relação às outras etnias, e, sobretudo, o desejo de reunir pomeranos e seus descendentes para compartilhar esse diálogo.

O discurso que se instalará durante as festividades e que transitará sempre na reconstrução simbólica de um mundo vivido, a tradição, e que, de certa forma, permanecerá naquele por vir. Recorrendo à fala da permanência do mito, vale narrar o discurso que permeia a matéria sobre a 3ª. *Mostra de Cultura e Agroturismo de João Neiva*, publicada em 15/08/09. Novamente são retomados os conteúdos desta fala:

No cardápio dos expositores estão bebidas e comidas típicas italianas, como lingüiça, capelete, lasanha, inhoque, tortas e doces caseiros. Além de biscoitos, ricota, queijos, geléias, caldos e os tradicionais licores e vinhos. [...]

Dessa mesa que é servida durante as festas, todas as etnias participam. Não é por acaso que, durante a análise, se pôde observar que a maior parte das matérias aborda as festividades e, em especial, a culinária, desses grupos. Como em outras culturas, a mesa tem o poder aglutinador de manter vivos os laços da convivialidade e de acender a chama da memória e, também, do acolhimento.

Muitas matérias possuem características românticas e deixam de abordar as dificuldades enfrentadas por esses grupos ao chegarem ao Estado. Algumas chegam a fazer referência à palavra saga, mas não oferecem subsídios para aprofundamentos. Entretanto, considerando os sujeitos no momento da enunciação, é possível se depreender nessa reconstrução não mais a dor pela ausência do lugar de origem que foi abandonado em busca de uma utopia, mas a alegria daquela re-construída pela memória em terras outras, no caso, o Espírito Santo.

Em seu percurso, o discurso ancestral é mesclado do discurso da descendência, mas a tradição é preservada. Não impede, porém, a presença de outros discursos, o da contemporaneidade, o que se percebe quando grupos de rock, pagode e funk participam das festividades: à noite, depois de um dia italianamente ou germanicamente reconstruído.

As matérias tentam transmitir uma imagem de grupo forte, de tradições arraigadas e que fortaleceu a história do Estado. Há de se ressaltar, nesta análise, o perfil do jornalista construtor da notícia. Ao arquitetar a matéria, também ele está servindo ao mito, uma vez que referenda a tradição por meio de sua fala.

Entre os imigrantes estrangeiros assentados no Espírito Santo, prevaleceram, em termos de quantidade, alemães, portugueses e italianos, estes últimos a maior proporção. Passadas quatro gerações após o processo migratório, há grande quantidade de seus descendentes atuando nas redações, portanto, reproduzindo o conhecimento e memória dos antepassados. E é nessa reprodução que se respalda no discurso da

tradição e da memória que se preserva e, mais que isso, se alimenta o mito.

Diferentemente da cultura dos italianos e alemães, a cultura grega ainda é, no estado, muito pouco disseminada. Conhecem-se os grandes autores, os grandes filósofos, os grandes dramaturgos helênicos, mas muito pouco se conhece dos costumes do povo. A matéria publicada em 12/06/08 deixa transparecer essa ausência. Na realidade, deixa transparecer a intencionalidade do discurso: suprir essa lacuna. Trata-se de um discurso essencialmente de apresentação.

O título da matéria desperta curiosidade: *Pedaço da Grécia no Bairro Vermelho*. A palavra pedaço traz a idéia de que é, realmente, parte da Grécia transladada para Vitória. O foguete: *comunidade helênica oferece aulas de língua, música e danças com professor vindo de Atenas*, se configura, em nosso imaginário, como o professor que veio junto com o pedaço da Grécia.

O Bairro Vermelho, em Vitória, tem como destaque a Comunidade helênica que funciona no bairro há quase 40 anos e oferece aulas de língua, cultura, música e danças típicas da Grécia. [...] O professor também ensina a cultura, como as comidas típicas da região, os costumes, artes, história, a música e as danças.

A matéria mostra ainda que esses imigrantes continuam a desenvolver suas atividades aqui no Brasil, o que garante a estabilidade financeira do grupo, além de mostrar a riqueza dessa cultura. “Ele veio de Atenas há quatro meses, dá aulas de língua, danças e música popular”, afirma o jornalista em sua matéria.

Enquanto representação social, a matéria reforça que os gregos constituem uma etnia que valoriza a vida em comunidade, que possuem uma cultura diversificada, além de um profundo respeito pelas tradições, pela história da Grécia. Percebe-se que o discurso grego recupera os dos imigrantes alemães e italianos. O teor é o mesmo: cultura, história, culinária, música e danças. Isto é, memória e tradição, mantendo o ideário mítico que se tem da Grécia.

É interessante, entretanto, como leitor, sujeito interpretante, tecer analogias que se configuram nessa leitura. Não é por acaso que se constata, nos discursos grego, italiano, pomerano e alemão a presença de elementos idênticos: a música, a dança e a culinária. Pode-se afirmar que os quatro estão presentes desde tempo milenares, na construção identitária de todos os povos do planeta, cada um certamente, guardando suas características. Retomam-se, aí, os ritos, os rituais iniciáticos, muitos deles nascidos na noite dos tempos. Recuperam-se, aí os valores éticos, estéticos, religiosos e políticos que sobrevivem na construção identitária de cada um desses imigrantes/migrantes, por meio da tradição e da memória, ou seja, a permanência do discurso mítico.

Uma das matérias analisadas publicada em maio de 2008 e que apresenta migrantes nacionais fixados no Espírito Santo mostra, especificamente, a figura de um mineiro. Tomando esta matéria como referência percebe-se que esse grupo veio buscar trabalho, atraído pelas grandes empresas instaladas em solo capixaba. Desconhece-se, assim, a história da colonização do estado.

Em 1953, a Vale do Rio Doce

chegou ao bairro, atraindo muitos trabalhadores que invadiram a região.

Nesse contexto, joga-se, ainda, que a ênfase na expressão “(...) trabalhadores que invadiram a região” quer revelar que existiram grupos migrantes fixados no Estado e que os mesmos seriam os responsáveis pelo surgimento de bairros sem infra-estrutura básica, localizados ao redor da capital.

Essa fala poderia, também, ser a de outro migrante. De varias partes do Brasil, eles realizam uma outra diáspora, a dos brasileiros menos privilegiados, que são forçados, para poder sobreviver, entrar no rol da diáspora interna. E eles vêm em busca da mesma utopia dos imigrantes estrangeiros. Suas marcas totêmicas têm menos visibilidade, mas existem, subjazem ao percurso do cotidiano.

E nas festas, nas reuniões familiares entre amigos, a dança, o canto e comida respaldam a permanência do mito. Suas narrativas perduram por meio desses elementos que trazem a memória da terra de origem, da tradição desses brasileiros que já incluíram, em seu discurso ancestral, a fala dos primeiros colonizadores da terra, em processo dialógico, polifônico.

Numa outra fala do entrevistado, se constata o intuito de reforçar a ausência do poder público no oferecimento de subsídios a esses grupos, além de revelar a imagem enaltecida que tem, em seu imaginário, da empresa que o atraiu: “A região só começou a se desenvolver quando a Vale resolveu fazer aterros e construir estradas”. A palavra só, nesse enunciado, se reveste de valor excludente: antes, não houve/havia desenvolvimento.

A representação social desses grupos é dada a partir da localização e das tarefas que executam. O receptor subentende que formam um grupo de trabalhadores. Na matéria jornalística, entretanto, são caracterizados como indivíduos que passam por dificuldades financeiras e que contribuem para a geração do caos urbano. Em suma, mito é palavra, imagem, gesto. É uma narrativa. Ele expressa o mundo e a realidade humana, sob a forma de uma representação coletiva, que se propaga através do tempo e do espaço-mundo por onde transita o homem.

#### **4 A guisa da conclusão**

Neste artigo se pretendeu verificar até que ponto memória e tradição asseguram a permanência do mito no discurso dos jornalistas sobre imigrantes estrangeiros e nacionais que tomaram parte na formação e desenvolvimento socioeconômico do Espírito Santo. A análise das matérias veiculadas no jornal A Tribuna aponta, de início, para a importância que é atribuída à tradição e a sua relação com a memória, configurando, nessa interação, o mito: ele permanece nos rituais da mesa, das festas, da música e dos costumes.

Quando o leitor atribui sentido ao texto ou à imagem e desvela, por meio de linguagens que contam a mesma história, a saga, a diáspora e a chegada dos imigrantes estrangeiros à terra da prosperidade, bem como o processo de colonização e superação, depara-se, indiscutivelmente, com o mito, com a fala fundadora que se desdobra e mantém viva a narrativa, por meio da integração memória-tradição. O mesmo não pode ser dito a respeito dos nacionais, considerando-se, obviam-

mente, particularidades inerentes a cada um desses grupos.

Enquanto representação social, as matérias tentam transmitir uma imagem dos imigrantes estrangeiros como grupo forte, assimilado e aculturado no Espírito Santo, que mantêm suas tradições arraigadas, fator de fortalecimento da história do Estado. Além disso, as matérias expressam um valor diferencial de classe: italianos, alemães, pomeranos, gregos, mesmo se pertencentes a classes populares, mantêm seus valores da culinária, da história. Mineiros são subclasse, vieram trabalhar, como se a imigração transoceânica contivesse outro fator, senão a busca da sobrevivência.

Nas matérias publicadas os migrantes nacionais, no caso representado pelos mineiros, se apresentam como invasores de terrenos, promotores do caos urbano. Textos que revelam o imaginário do produtor da notícia e/ou a linha editorial do veículo no qual atua o produtor da notícia, assim como, seu subtexto, o poder socioeconômico constituído pelos imigrantes estrangeiros e descendentes no estado.

Entretanto, o leitor, sujeito interpretante, tece analogias que se configuram nessa leitura. Constata-se, nos discursos sobre imigrantes estrangeiros, a presença de elementos idênticos: a música, a dança e a refeição. São eles elementos visíveis da tradição e da memória, em construção mítica da história dos imigrantes aqui analisados. Pode-se afirmar que esses elementos do movimento coletivo estão presentes desde tempos milenares, na construção identitária de todos os povos.

Entretanto, o que se ressalta na produção jornalística é uma construção discursiva referenciada na presença da tradição e por outro lado uma ausência do discurso acerca

dos vários grupos étnicos que compõem o mosaico identitário capixaba. Sobressai nessa construção, além de um senso comum ancorado no mito do imigrante estrangeiro, uma ausência da contextualização histórico-temporal dos diversos grupos.

O que indica, portanto, uma produção jornalística pobre de conteúdo atualizado sobre as diversas atividades contemporâneas nas diversas áreas destes e dos outros grupos assentados no estado. Sinaliza, também, um desconhecimento, tanto em nível diacrônico quanto sincrônico, entre o produtor/emissor e o receptor da notícia.

Essas ausências podem ser reveladoras de inúmeros pontos de análise: a representação social que se faz do imigrante estrangeiro e do nacional; o conhecimento dos profissionais de comunicação sobre a história; a memória dos profissionais; a ação dos grupos em busca de reconhecimento; o nível de aculturação dos grupos; o imaginário do jornalista; as relações de poder no estado, entre outros. Enfim, são aspectos a serem levantados e discutidos na produção do conhecimento. Mas também que expõem o significado da migração, assim como da representação social do produtor da notícia.

## Bibliografia

- Abbagnano, Nicola (1970). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou.
- Barthes, R (2001). *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Becker, H. S.(2009). *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- Bourdieu, P. (2002). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Charaudeau, M (2003). In Pauliukonis, Maria Aparecida Lino, Gavazzi, Sigrid (orgs). *Texto e discurso: mídia. Literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Cádima, F. R. (2003). Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa. In *OBERCOM*, Observatório de Comunicação. Lisboa.
- Dadalto, M. C. (2007). *Imigração e cidade: sonho e cultura associativa na tecedura de pólos industriais em Colatina*. Tese de doutoramento, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Hall, Stuart (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.
- Gama, R.; Dadalto, M.C (2009). A notícia como construção social no universo jornalístico. *Biblioteca on-line de ciências da comunicação*. [Internet] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/velha-dadalto-gama-noticia-como-construcao-social.pdf>. [Consult. 15 de Julho 2009].
- Junqueira, L (2005). A noção de representação na sociologia contemporânea. In *Estudos de Sociologia*, Araraquara, 18/19, p. 145-161.
- Legros, Patrick et. al. (2007). *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulina.
- Manhães, Eduardo (2006). Análise de discurso in Duarte, J.; Barros, A. (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. S Paulo: Atlas. p. 305-315.
- Orlandi, Eni (2003). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes.
- Sayad, Abdelmalek (1998). *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998. 304p.
- O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Revista do Migrante*. Ano XIII, número especial, janeiro, p.7-32.